

SENHORAS DO DESTINO? UM ESTUDO COMPARATIVO DE GÊNERO ENTRE *FILHA, MÃE, AVÓ E PUTA*: A HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE DECIDIU SER PROSTITUTA, DE GABRIELA LEITE, E A TELENÓVELA *SENHORA DO DESTINO*, DE AGNALDO SILVA

Renata de Melo Gomes

Universidade Estadual de Santa Cruz
renata.melogomes@gmail.com

Resumo

Trata-se de expor ao público participante do evento o trabalho apresentado e aceito como proposta de estudo para o Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz) – Ilhéus/BA. Buscaremos realizar diálogos e costuras intelectuais na tentativa de contribuir para discussões que permeiam os temas trabalhados na proposta e, também, buscar contribuições que possam enriquecer nossos estudos. A proposta visa a uma análise comparativa, a partir da perspectiva de gênero, entre a novela televisiva *Senhora do destino* (2004), de Aguinaldo Silva (1943), e a obra autobiográfica *Filha, mãe, avó e puta*: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta (2010), de Gabriela Leite (1951-2013), em depoimento a Márcia Zanelatto. Partiremos da hipótese de que as protagonistas da telenovela *Senhora do destino* (2004) foram construídas sob uma perspectiva heteronormativa, enquanto, em *Filha, mãe, avó e puta*: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta (2010), a protagonista foi construída sob uma perspectiva que problematiza a ordem social vigente e, assim, o binarismo de gênero.

Palavras-chave: Gênero, Dissidência sexual, (Auto)biografia, Psicanálise.

Se ousamos colocar esse binarismo fundante em questão, se ousamos pensar em multiplicidade de gêneros e sexualidades, então outras dimensões da constituição dos sujeitos, outras dimensões da vida podem também ser perturbadas, multiplicadas, complexificadas. Há, pois, um potencial político muito expressivo e intenso no debate em torno da normatividade de gênero e da sexualidade.

Guacira Lopes Louro

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi apresentado e aceito como proposta de estudo visando pleitear vaga para o mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz) – Ilhéus/BA lançada através do edital nº 222 de 21 de dezembro de 2016. A partir dele, propomos realizar uma análise comparativa, a partir da perspectiva de gênero, entre a novela televisiva *Senhora do Destino* (2004) de Aguinaldo Silva (1943) e a obra autobiográfica *Filha, mãe, avó e puta*: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta (2010) de Gabriela Leite (1951-2013) em depoimento a Márcia Zanelatto.

Ainda que nossos estudos estejam em estado preliminar, achamos relevante já apresentar à comunidade acadêmica e a quem interessar a ideia inicial do trabalho, para que sua evolução ao longo do amadurecimento intelectual que já estamos tendo e ainda teremos durante o processo, seja dividida com os pares interessados. Além disso, essa produção é essencial para que possamos realizar trocas e costuras intelectuais.

Propomos realizar uma análise comparativa, a partir da perspectiva de gênero, entre a novela televisiva *Senhora do Destino* (2004) de Aguinaldo Silva (1943) e a obra *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta* (2010) de Gabriela Leite (1951-2013) em depoimento a Márcia Zanelatto. O que se pretende é investigar quais são as representações de gênero expressas nas obras acima citadas corroborando ou não com a hipótese já levantada de que a primeira apresenta uma perspectiva heteronormativa descrita pela psicanálise e a segunda se enquadra na Teoria Queer, que a contesta.

Como resultado preliminar entendemos que as protagonistas da novela *Senhora do Destino* (2004) foram construídas sob uma perspectiva heteronormativa enquanto que em *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta* (2010) a protagonista foi construída sob uma perspectiva que desconstrói e problematiza a ordem social e, assim, o binarismo de gênero. A relação entre Psicanálise e Teoria Queer foi escolhida para a realização dessa análise visto que a primeira descreve e a segunda problematiza a configuração de gênero vigente, ou seja, a ideologia dominante.

Os Estudos Queer questionam a ordem social atual em que a construção de gênero e os demais valores sociais são compartimentados e impostos de maneira heterônoma por um grupo que pretende preservar sua dominação. Para o autor, temos que a Teoria Queer seria o estudo “daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais”. (SEIDMAN, S. 1996, p. 13 apud MISKOLCI, R. 2009, p. 154)

Por outro lado, a descrição realizada pela psicanálise acerca da sociedade falocêntrica e heteronormativa e suas consequências é incomparável, como afirma o autor: “Como descripción de la forma en la que las culturas fálicas domestican a las mujeres y los efectos que tal domesticación tienen sobre las mujeres, la teoría psicoanalítica no tiene comparación con ninguna outra (RUBIN apud PORTOLES, 2010, p. 18)

Assim, tomaremos como base os estudos Queer, de Judith Butler (1956) – seu maior expoente e uma das precursoras da teoria – e a Psicanálise, a partir dos conceitos de Sigmund Freud (1856-1939). Uma das questões que justificam a hipótese levantada diz respeito à maternidade. Na telenovela, a trama gira em torno da maternidade, já em Gabriela Leite, ao contrário, temos uma mulher que não tem a maternidade como centro ainda que tenha filhos. Gabriela engravida duas vezes e abdica da maternidade em nome da liberdade, do seu trabalho e das lutas em prol de sua categoria profissional. Tais fatos trazem à tona um embate central das discussões feministas entre a naturalização e a construção social da sexualidade: seriam as mulheres “biologicamente” destinadas a serem mães? Existiria algo de essencial no feminino que direcione mulheres a buscarem sua realização pessoal na maternidade e nos cuidados com os filhos? Tais questões também balizam o binarismo natureza/cultura que permeia as discussões da psicanálise e teoria Queer, diferenciando-as.

Análise das obras

Simone de Beauvoir afirmou que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (1949, p. 9), o que sintetiza seu pensamento de que ser mulher não é ser determinada por suas características biológicas. Diferente disso, ela problematiza a essencialização do feminino, afirmando que ser mulher relaciona-se a uma construção sociocultural que define uma maneira de ser, um lugar social a se ocupar, bem como a valoração dessas características dentro da sociedade. Assim, ser mãe ou prostituta, amamentar ou vender o seu corpo, assumiram diferentes significados ao longo da história da humanidade. Seguindo essa mesma tese, Elisabeth Badinter (1985) defende que, nos diferentes momentos históricos, a mulher encarou a maternidade de maneiras diferenciadas, ratificando a ideia de que o cuidar e o amor materno, diferente do sustentado e defendido na sociedade ocidental, não são características naturais do feminino, tendo variado com o contexto histórico e cultural ao longo dos tempos.

Em *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta* (2010) percebemos que a vida de Gabriela Leite foi marcada pelo rompimento das amarras simbólicas que limitavam sua liberdade. Seus avós maternos se dedicavam ao trabalho na roça e os paternos eram donos dessa fazenda. Seu pai, que pouco frequentava a fazenda dos pais, era boêmio e crupiê, e numa ida à fazenda conheceu Mathilde, filha do capataz. Desse casamento entre duas pessoas de dois mundos tão diferentes, nasceu Gabriela. Sua mãe, de família simples e educação tradicional, tentou de todas as maneiras que a filha seguisse os valores nos quais baseava sua educação: ser

professora, casar e ter filhos. Mas Gabriela, desde muito cedo, não correspondia aos anseios da mãe. De acordo com Leite (2010, p. 21), “Claro que o desejo de minha mãe era que eu fizesse o curso de normalista para ser professora da escola pública e esperar o noivo e o casamento. Mas meu objetivo era estudar literatura, porque queria conhecer melhor os livros, meus companheiros de solidão”. Desde muito cedo, suas características causavam a ira da mãe, que a castigava e batia, como afirma Leite (2010, p. 19 e 20): “Minha mãe tinha uma vara de marmelo que trouxera do interior para ‘nos educar’. Apanhamos muito. Ainda tenho mágoas por aquela e por outras surras: vara de marmelo, fio de ferro e cinto de couro com fivela.”

Depois de adulta os desentendimentos entre mãe e filha só pioraram e quando Gabriela engravidou pela primeira vez, ela escondeu a gravidez por receio de como lidar com aquela situação que não previu e com a reação de sua mãe. Após dar à luz, Gabriela passou a dedicar-se inteiramente ao trabalho e à filha Alessandra, por imposição de sua mãe como condição para aceitá-la em casa, e a relação entre elas ficou um pouco mais tranquila. Porém, na primeira situação em que decidiu sair com os colegas de trabalho, a mãe a fez decidir entre a rígida disciplina familiar, podendo conviver com a filha ou sair de casa. Gabriela (2010, p. 40 e 41):

[...] colocou a minha mala do lado de fora: “Eu te avisei que tudo mudou desde o nascimento da Alessandra. [...] Ou age como eu quero ou não mora mais aqui.” E fechou a porta novamente. [...] Eu tinha duas opções: ir embora de vez deixando minha filha ou então bater de novo na porta e pedir perdão por ter me atrevido a um pouquinho de divertimento. [...] Com o dia claro, resolvi ir embora.

Minha filha já estava com quase um ano. Foi muito, muito difícil renunciar a ela. Mas naquela hora não encontrei outra saída. Eu estava vivendo uma situação falsa e não me considerava uma mulher sem futuro. Por que deveria renunciar à minha juventude e aos meus sonhos [...] Decidi ir atrás de mim mesma e assumir o egoísmo e o risco de ser uma mulher livre, sem saber ao certo o que era liberdade.

Nesse momento, conseguimos perceber as contradições vividas pela mulher, em uma sociedade que impõe desejos, valores e restrições: Gabriela, que já havia criado vínculos com a filha, não gostaria de deixá-la. Ainda que não tivesse programado uma gravidez, que não a tivesse como um destino, o sentimento pela filha foi desenvolvido com o tempo. No entanto, os valores morais pregados pela mãe a fizeram escolher entre a filha e seus sonhos. Badinter descreve os sentimentos maternos e esclarece o acontecido com Gabriela Leite:

O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina. Observando-se a evolução das atitudes maternas, constata-se que o interesse e a dedicação à criança se manifestam ou não se manifestam. A ternura existe ou não existe. As diferentes maneiras de expressar o amor materno vão do mais ao menos, passando pelo nada, ou o quase nada (BADINTER, 1985, p. 22 e 23).

Beauvoir ratifica a fala de Badinter, questionando o biológico como destino. Em sua fala, ela demonstra que muitas mulheres tem a maternidade como um único caminho a ser seguido. Assim, o tornar-se mãe deixa de ser uma escolha, para ser a única saída para as mulheres.

Não seria possível obrigar diretamente uma mulher a parir: tudo o que se pode fazer é encerrá-la dentro de situações em que a maternidade é a única saída; a lei ou os costumes impõem-lhe o casamento, proibem as medidas anticoncepcionais, o aborto e o divórcio (BEAUVOIR, 1949, p. 79).

Gabriela Leite, após deixar a filha Alessandra com a mãe, continua sua vida se dedicando ao estudo e ao trabalho. Percebe que não consegue se adequar aos partidos de esquerda porque todos eles parecem ser muito teóricos, distanciando-se da realidade. Aproxima-se de movimentos de liberação sexual, acreditando que nesses movimentos encontraria identidade, mas se decepciona mais uma vez. No entanto, sua busca por liberdade e seus sonhos por vivenciar as mais diferentes experiências, sempre a acompanham. Em sua obra, ela descreve bem seus anseios:

Queria fazer sexo e exercer minha sexualidade sem culpa. Queria abraçar, beijar, conhecer melhor o corpo masculino, seus desejos e suas fantasias. Queria ser uma mulher desejável, usar calcinhas e sutiãs vermelhos, sentir os homens em meu corpo, transar muito e nunca me faltar. Não queria casar nem viver junto com ninguém. Somente ver e sentir muitos homens me desejando. Por que eu não poderia viver como eles, que sempre estavam com mulheres diferentes? Por que nós, mulheres, tínhamos que nos contentar em ter um único homem ao longo de toda a vida? Eu queria ter a liberdade sexual deles e não sabia por onde começar. (LEITE, 2010, p. 42)

Sua simpatia pelo mundo da prostituição vai sendo aguçado com o tempo. Ao ver casas de prostituição, Gabriela se interessava:

Entre o bar Redondo e o luxuoso hotel Hilton havia uma boate de prostituição extremamente chique: La Licorne. Ela teve seu auge nos anos 70 e 80, quando reunia homens riquíssimos e as prostitutas mais bonitas do Brasil. A movimentação das mulheres começou a me chamar a atenção. Elas chegavam nos melhores carros, com vestidos longos muito sensuais, bem maquiadas e perfumadas, com a aura das divas do cinema de Hollywood. Entravam na boate e eu ficava imaginando o que acontecia lá dentro. (LEITE, 2010, p. 44)

A admiração pela prostituição e a curiosidade, associados ao seu sonho de conquistar a liberdade levaram Gabriela a se prostituir. Ela descreve os resultados de seu primeiro dia de trabalho: “Em todo caso, naquele dia voltei para o pensionato na Amaral Gurgel, onde morava, com um bom dinheiro. Num único dia ganhei o que ganhava por mês no meu emprego na Shell. O que daria para bem mais do que o aluguel atrasado”. (LEITE, 2010, p. 46)

A associação entre prazer e retorno econômico parecem ter guiado os passos de Gabriela Leite para a profissão que acabara escolhendo para dedicar sua vida e sua luta. É certo que durante a sua trajetória, muitas e diferentes experiências a desviaram de sua profissão e demonstraram o quanto os valores sociais influenciam nas escolhas das mulheres. Ainda que convicta de que não queria ter mais filhos, quando descobre uma segunda gravidez, Gabriela vacila e não tem coragem de abortar. Nesse trecho ela descreve a influência da tradição católica nas suas escolhas:

Eu já tinha passado por uma situação difícilíssima com a gravidez da Alessandra e tomara duas decisões sérias na minha vida de mulher. Uma era não casar. Outra, não ter mais filhos.[...] Fiquei grávida. Minha primeira reação foi ir direto para uma clínica de aborto, mas não sei por que carga-d'água não passei da porta, desisti. Não era preconceito, mas talvez o efeito da educação católica fosse profundo demais para eu segurar aquela onda sozinha. Ingenuamente, subestimei a importância de levar uma amiga que pudesse me dar apoio moral. (LEITE, 2010, p. 67 e 68)

Depois do resguardo, Gabriela decidiu deixar a filha Cristina com o casal de amigas homossexuais que a acolhera durante o resguardo e que tinham muito afeto pela menina. Ia visitá-la e contribuir com seus cuidados, mas voltou à prostituição. Segundo (LEITE, 2010, p. 69), “As duas adoravam a menina, a tratavam com tanto amor e carinho que eu não tinha a menor preocupação. Duas vezes por semana eu passava no supermercado, me munia de dezenas de potinhos Nestlé e atravessava São Paulo inteira de ônibus até Brasilândia”. O pai de Cristina, depois de conhecê-la, convida Gabriela para morarem juntos, desde que ela abandonasse a prostituição. Gabriela descreve com muita sensatez esse momento de sua vida e a influência das determinações sociais nas suas escolhas no trecho a seguir: “Passei a sonhar com tudo isso e aceitei. Aceitei feliz como uma Cinderela. Toda mulher tem um dia de Cinderela. É difícil fugir da nossa cultura o tempo todo.” (LEITE, 2010, p. 73)

No entanto, após descobrir uma traição, Gabriela sai de casa, deixa a filha novamente com as amigas e retoma sua vida e profissão. Depois desse momento, Gabriela passa a ser prostituta em Belo Horizonte e, em seguida, no Rio de Janeiro, onde passa o resto de seus dias. Durante sua longa vida profissional, percebe todas as dificuldades e contradições da profissão e passa a lutar pelos direitos de sua categoria profissional. Inicialmente, através da participação em eventos nacionais e internacionais de prostitutas e mobilização da categoria, Gabriela Leite acaba por realizar diversas ações como a fundação da ONG Davida, em 1990, e a criação da grife Daspu em 2005. Chegou a disputar um cargo político com uma pauta que reivindicava, além dos direitos específicos relacionados à prostituição, a legalização do aborto e a união homossexual, mas não foi eleita. Em 2013, com pouco mais de 60 anos, Gabriela Leite morre de câncer no pulmão.

A telenovela *Senhora do Destino* (2004) de Aguinaldo Silva (1943) foi exibida pela TV Globo entre 2004 e 2005, às 21h, considerado o horário nobre da TV por sua grande audiência, já que se trata de horário em que grande parte dos telespectadores estão em casa, por trabalharem durante o dia. Em relação à sua análise, tendo-se em conta que linguagem verbal, imagens e sensações se inter-relacionam para produzir textos que nada mais são que todos os recursos que utilizamos para produzir interação uns com os outros como afirma SABINO (2016) ao fazer alusão a Santaella (2011), já percebemos que, para que o objetivo seja alcançado, necessitaremos de realizar um trabalho que extrapola a leitura do roteiro. Segundo a autora:

Insistem em comparar a telenovela (TN) com outras formas narrativas de representação. Antes de tudo, a telenovela é uma forma de arte popular que não é literatura, cinema, teatro ou produto de outro meio qualquer. Uma TN é uma peça dramática que pode surgir da adaptação de um livro ou mesmo ser inspirada em um poema, mas nunca se confundirá com eles. (CALZA,1996, p. 7)

Nesse sentido, é precípua a realização de uma análise das diversas linguagens que se inter cruzam na obra televisiva para produzir sentidos, visto que se trata de uma produção mestiça em que se encontram imbricadas diferentes linguagens, que não podem ser vistas separadamente, mas em constante diálogo, como em Laplantine e Nouss (2016, p. 9), “A mestiçagem não é fusão, coesão, osmose, antes confrontação e diálogo”.

Até o momento, ainda em estágio preliminar, nossos estudos em relação à telenovela em questão ainda se restringem ao roteiro e análises mais abrangentes ainda precisarão ser realizadas para aprofundarmos nossos estudos. Ainda assim, a partir do roteiro, já conseguimos observar que se trata da história de Maria do Carmo, que quando jovem é interpretada por Carolina Dieckmann e, na segunda fase, por Susana Vieira que é entrecortada pela história de Nazaré Tedesco, Adriana Esteves, na primeira fase, e Renata Sorrah, na segunda. Tudo acontece quando Maria do Carmo sai do sertão pernambucano rumo ao Rio de Janeiro, na tentativa de dar uma vida melhor aos seus cinco filhos, já que passava por muitas dificuldades econômicas por ter sido abandonada pelo pai das crianças.

Já nesse momento inicial, percebemos que a motivação para a mudança na vida de Maria do Carmo é totalmente relacionada à maternidade e cuidado com os filhos. Não se percebe na trama, nenhuma outra razão que leve a personagem a mudar de um estado para outro que não seja para desempenhar o seu “papel de mãe”. Resgatando Simone de Beauvoir, percebemos o peso da maternidade na vida de uma mulher e o quanto ela está relacionada aos valores impostos em cada cultura:

Quanto às servidões da maternidade, elas assumem, segundo os costumes, uma importância muito variável: são esmagadoras se se impõem à mulher muitas procriações e se ela deve alimentar e cuidar dos filhos sem mais ajuda; se procria livremente, se a sociedade a auxilia durante a gravidez e se se ocupa da criança, os encargos maternos são leves e podem ser facilmente compensados no campo do trabalho. (BEAUVOIR, 1949, p. 74)

A cultura ocidental, em geral, defende uma visão naturalizada de maternidade, na visão da autora, em que:

A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência. (BADINTER, 1985, p. 15).

Assim, Maria do Carmo está de acordo com o esperado pela sua “essência instintiva” feminina, tomando essa essência como a biologização do corpo da mulher. É importante salientar que, nesse modelo de sociedade, as mulheres são consideradas como “outro” e segundo dos pares, justificado por argumentos biologizantes e essencialistas. Tais argumentos giram em torno de um dualismo psicofísico que vem desde a Antiguidade; em que mulheres são associadas à essência, ao corpo e à natureza – e, por isso, inferiores – e os homens à existência, ao mundo das ideias e à transcendência – sendo assim, superiores; como expõe Valcárcel ([2012]1997):

El sexo feminino comienza a ser ‘el outro’, el ‘algo outro’. Esse ‘otro’ del que se afirma la continuidad com la naturaliza. Pero para todo ello hay que esencializar, es decir, hay que comenzar a explicar y definir a ‘la mujer’ como algo distinto de lo humano em general. El naturalismo tiene que deducir una esencia, no le queda más remedio que hacer esencia. Y llega tan lejos esta manía de caracterizar qué sea o em qué consista ‘lo mujer’ que acaba por romper com la propia continuidad de la especie dentro de sí.

Nada de extraño tiene que el siglo XIX haya llegado a teorizar la cuestión del sexo como una variable tal que realmente rompe a la especie humana, puesto que se llegan a hacer afirmaciones como la siguiente: la continuidad genérica del sexo feminino es tal que está por encima de cualquier especie. Es decir, las especies animales todas, incluida la especie humana em lo que tenga de especie animal, tienen em ‘lo hembra’ una continuidad mucho mayor entre sí que la que existe entre la mujer y el varón dentro de la especie humana. (VALCÁRCEL, [2012] 1997 p. 60 e 61)

Quando chega ao Rio de Janeiro e não encontra com seu irmão, Maria do Carmo conhece Nazaré, que é uma prostituta que deseja, para mudar de vida, se casar com o amante José Carlos, interpretado por Tarcísio Filho – quando jovem – e Tarcísio Meira – quando mais velho. Ao perceber que Maria do Carmo trazia um bebê no colo, Nazaré rouba a criança, já que estava fingindo estar grávida por acreditar que essa seria sua saída para que seu amante deixasse a família e se casasse com ela. Mais uma vez, percebemos os valores da sociedade falocêntrica e heteronormativa atravessando a trama. Nesse sentido, no entanto, eles estão sendo, de certa forma, problematizados, já que a personagem da prostituta não sente um ímpeto natural por ser mãe, mas

usa a maternidade, para conseguir se casar. Se por um lado, a maternidade aqui questiona o modelo dominante, a necessidade de abandonar a prostituição e se casar da personagem, o reforça.

Por estarmos nos detendo à análise de mais de um personagem na telenovela em questão, perceberemos que, em alguns momentos, os valores dominantes são questionados e em outros são reafirmados. No entanto, até esse momento da análise, predominam situações em que os valores heteronormativos são ratificados pelas vidas das personagens. Isso justifica nossa hipótese preliminar de que a telenovela se encaixa predominantemente à psicanálise e que a obra de Gabriela Leite se encaixa mais à teoria queer.

CONCLUSÃO

Ainda que estejamos em fase de estudos, podemos realizar as análises citadas nesse artigo e confirmamos a importância da realização de tal pesquisa. Ela é primordial já que a telenovela *Senhora do Destino* está sendo reapresentada e Agnaldo Silva afirmou em seu blog que Nazaré Tedesco, personagem que está sendo estudada nestes estudos, será personagem de sua próxima telenovela *O Sétimo Guardião* que está prevista para ser exibida em 2018. Sabendo que “as espectadoras identificam, nas novelas, modelos ideais, por exemplo, de mulher brasileira” (HAMBURGER, 2005 apud HAMBURGER, 2011, p.71), ratificamos a importância de compreender e analisar a telenovela *Senhora do Destino*. Em contrapartida, a comparação com *Filha, mãe, avó e puta*: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta traz à tona um debate histórico que divide até feministas, acerca da regulamentação da profissão de prostituta, profissão escolhida pela protagonista dessa obra. O projeto de lei nº 4.211/2012 do deputado federal Jean Wyllys (PSOL), conhecido como “Lei Gabriela Leite” está parado na câmara e enfrenta, atualmente, um Congresso muito conservador.

Assim, através da análise dessas obras, poderemos inferir quais papéis de gênero estão sendo veiculados pela mídia brasileira. Teóricos queer se valiam desse artifício, “Oriundos predominantemente dos Estudos Culturais, os teóricos queer deram maior atenção à análise discursiva de obras fílmicas, artísticas e midiáticas em geral”. (MISKOLCI, 2009, p.155)

Até o momento, o que podemos perceber é que as hipóteses iniciais levantadas estão sendo, de certa forma, ratificadas: a obra literária predominantemente questiona a sociedade binária e

heteronormativa e a telenovela se enquadra nos padrões tradicionais. No entanto, já podemos perceber que em ambas, temos elementos destoantes, que nos mostram que nenhuma das duas obras pode encaixar-se completamente em um ou outro modelo.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 2003.

CALZA, Rose. **O que é telenovela**. São Paulo: Brasiliense, 1996. – (Coleção primeiros passos; 302)

CAZARRÉ, Marieta. **Projeto que regulamenta atividade de profissionais do sexo está parado na Câmara**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/projeto-que-regulamenta-atividade-de-profissionais-do-sexo-esta>. Acesso em 16/07/2017.

COLLING, Leandro. Mais definições em trânsito. **Revista digital do Curso de Pós-graduação Cultura e sociedade** (Facom-UFBA), 2007.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-07/vol-vii-2-tres-ensaios-sobre-a-teoria-da-sexualidade-1905>. Acesso em 13/12/2016.

HAMBURGER, Esther. **Telenovelas e interpretações do Brasil**. Lua Nova, São Paulo, 82: 61-86, 2011.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **A mestiçagem**. Tradução: Ana Cristina Leonardo. Instituto Piaget. Lisboa, 2016.

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta**/Gabriela Leite em depoimento a Marcia Zanelatto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MARTÍN, María. **Regulamentação da prostituição confronta prostitutas e feministas radicais**. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/28/politica/1469735633_689399.html. Acesso em 16/07/2017.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. In.: Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182

PASSOS, Lucas. **Linguagem e identidade: sistemas de diferenças**. Publicado em 29/08/2012. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/08/29/linguagem-e-identidade-sistemas-de-diferencas>. Acesso em: 16/07/2016.

PORTOLES, A. O. *Debates sobre el género*. In: AMOROS, C. e MIGUEL, A. **Teoría feminista: de la ilustración a la globalización** – De los debates sobre el género al multiculturalismo. Madrid: Minerva Ediciones, 2010. p. 13-60.

RODRIGUES, Carla. **O potencial político da Teoria queer**. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2014/10/o-potencial-politico-da-teoria-queer>. Acesso em: 13/01/2017.

SABINO, Juliana L. M. F. **O potencial da imagem televisiva na sociedade da cultura Audiovisual**. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, n.2, p.65-80, maio/ago 2016.

SILVA, Aguinaldo. **Mas ela vai voltar mesmo?** Disponível em: <http://aguinaldosilva.com.br/2016/12/10/mas-ela-vai-voltar-mesmo>. Acesso em 16/07/2016.

VALCÁRCEL, Amelia. **La política de las mujeres**. Madrid: Ediciones Cátedra (Grupo Anaya, S.A.), 1997, 2012.